



**MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Contornos humanos: primitivos, rústicos e civilizados em Antonio Candido*. Recife: Cepe Editora, 2023, 204p.**

Fabio Pomponio Saldanha<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

saldanha.fabio@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-8655-1334>

Antropomorfizada, certa razão se arroga  
o direito de legislar sobre outras razões.

(LIMA, 1973, p. 41)

A possibilidade de ensaiar uma resenha já pode colocar no centro das discussões a voz permeada pela autoria: desde a percepção de se fazer o feito com o nome assinado anteriormente sequer à avaliação, o preenchimento, de certa forma, autoetnográfico, não precisaria de justificativa, ou ao menos, neste texto se imaginaria assim tal fato, de um início um tanto apologético de intromissões autorais de quem passa ao texto resenhado suas impressões de leitura, a serem sempre de tal maneira caracterizadas: impressões, pessoais, intransferíveis. Ainda assim, esta espécie de preâmbulo aqui se forma para reforçar a intromissão autoral, a marca, como um enxerto no que vai ser dito a seguir, em torno do livro *Contornos humanos: primitivos, rústicos e civilizados em Antonio Candido* (Cepe, 2023), para, talvez, certa justiça (ou, ainda, *justeza*, cf. DERRIDA, 2005), ser capaz de acontecer a partir da responsabilidade do que se diz do texto resenhado, sem o esquecimento de existir, nessa cena, um enunciador sem, digamos, inocência.

Reunindo estudos publicados (e revistos, assim como reelaborados para o livro) ao longo dos anos que seguiram *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido* (EdUnesp, 2015), *Contornos* toma tal livro como predecessor (e muitas vezes, fonte de expansão e aprofundamento) ao também demonstrar uma guinada argumentativa de Moraes em sua relação com a pesquisa em torno do crítico literário uspiano.

---

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP, processo 2022/15480-7.

Se *Para além das palavras*, como aponta a própria autora, se dedicava a apresentar Candido dobrado em si mesmo, ou seja, em uma tentativa de leitura cerrada que se detivesse na releitura dos argumentos candidianos da forma mais “isolada” possível, sendo a baliza comparativa os próprios textos escolhidos do autor uspiano, *Contornos* já toma como forma comparativo-analítica não só uma volta em Candido dobrado em si, mas também com suas próprias referências (seja a sociologia anglófona ou os teóricos de literatura abordados por Candido) e outros teóricos escolhidos por Moraes (majoritariamente, no livro, Luiz Costa Lima) e autores literários (como é o caso de Ruy Duarte de Carvalho, referência citada ao longo de quase todos os ensaios da segunda parte do livro).

Esses novos rumos para o comparatismo (afinal, mesmo Candido dobrado em si é uma perspectiva comparatista), sobretudo na segunda parte, quando o pensamento pós-colonial ganha destaque na argumentação, coloca em suspeição certezas tidas, dentro da academia uspiana, como uma constante, na confluência confusa do trabalho acadêmico de Candido e qualquer relação com sua vida. Além de ser considerado o primeiro (e último) grande mestre da Escola da Formação em Teoria Literária e Literatura Comparada, o autor da *Formação da Literatura Brasileira* é tido como excepcional no que produziu, por ser considerado uma pessoa excepcional<sup>2</sup> – isso faz, contudo, com que críticas, ressalvas e apontamentos de qualquer ordem fora do estabelecido pelo elogio constante à figura do patriarca sejam não só barrados, mas também sempre tidos como ofensa. Tamanha é a proporção da dificuldade em se debater as ideias candidianas, que uma versão anterior de “A função da literatura nos trópicos”, segundo capítulo de *Contornos*, quando publicada na revista *Cerrados* (2017), teve como ponto de apresentação editorial a seguinte caracterização pelos responsáveis do número em questão:

Anita Martins Rodrigues de Moraes é autora do artigo provavelmente mais polêmico desta coletânea. Ela denuncia o que seriam as premissas evolucionistas de *Formação da Literatura Brasileira* e, valendo-se de Pierre Clastres, acusa, no desfecho do texto, o humanismo professado por Candido de ser etnocida, num procedimento analítico

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, o tom extremamente elogioso e em fusão da vida pessoal com o trabalho de Candido nos textos de apoio/introdutórios das novas edições das obras candidianas, disponível em <<https://todavialivros.com.br/antonio candidato>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

e retórico que atinge as raias do disparate, a nosso ver. De resto, enviamos o leitor ao ensaio em causa para que estabeleça seu próprio juízo. Por mais que discordemos da autora, para além da disposição democrática de acolher o contraditório, considerou-se que o artigo trata de levar ao paroxismo argumentos e ataques que já fazem parte da cena universitária brasileira e lusitana, o que não deixa de ser um testemunho do ponto a que chegamos (PILATI; CORPAS; ARAÚJO, 2017, p. 2).

A constante necessidade de neutralização da diferença, muito parecida, por exemplo, com o próprio exercício de pensar o etnocídio em Candido, assim como o trecho de Luiz Costa Lima que abre esta resenha, quando se pensa no nome do crítico uspiano, não foi, por fim, motivo de encerramento de discussões dentro da perspectiva acadêmica de Moraes. A impressão, pelo contrário, como destacado pelo texto de orelha, assinado por Marcos P. Natali, é a de se estar, de fato, chegando à conclusão de que, finalmente, se lê Antonio Candido. Leitura no sentido no qual, a partir da predisposição para observar como conceitos e pressupostos vão se desdobrando ao longo de textos como “A literatura e a formação do homem”, “O direito à literatura”, *Os parceiros do Rio Bonito, Formação da Literatura Brasileira*, entre outros com menor ocorrência de citação ao longo dos capítulos, lê-se, em conjunto com as explicações de Moraes, tensionamentos necessários não só para uma forma de leitura crítica, não apologética, aberta ao dissenso no presente, mas uma requalificação do debate acerca do passado, de monumentos instaurados na crítica literária que, muitas vezes, se encontram, afinal, como monumentos canônicos, em um desejo de impossibilidade de revisão da historiografia canônica a ponto de não se questionar o visto, feito e lido até então.

Se a primeira parte do livro, “Humanização que é civilização”, demonstra essa aproximação entre comparar Candido consigo e também apontar como o autor começa a imbricar dentro de sua própria argumentação certos conceitos derivados de suas leituras de outros leitores, como é o caso da antropologia em *Os parceiros do Rio Bonito*, tais movimentos dentro dos primeiros quatro capítulos termina, através da comparação com Luiz Costa Lima, em já uma maneira de se relacionar com o texto teórico como pouco se observa na academia, por exemplo, uspiana. Ao não colocar Candido como algo a ser salvaguardado, podemos acompanhar, ao longo da primeira parte, às vezes com retornos em citações, se não idênticas, ao

menos similares ou em pouca distância nos textos escolhidos para análise, que as descrições universalizantes e tidas como “humanas” no crítico uspiano estão circunscritas a um certo tipo de tendência dentro dos estudos literários: a valorização da literatura erudita que, como aponta Moraes, é sempre escrita, assim como a filiação necessária, acrescentaria eu, de uma visão do cânone europeu como dádiva segundo a qual “literaturas menores”, como a brasileira para Candido, devem sempre estar em dívida para, quiçá, um dia, se tornarem parecidas, mas nunca idênticas, dado o traço diferencial que sempre as coloca como secundárias.

O outro espelho segundo o qual Candido cria sua organização teórica, como aponta Moraes, a partir das ideias de humanidade, humanização, humanos e o potencial humanizador da literatura, ainda que aqui pareça, de certa forma, repetitiva a dobra em torno de uma unidade de significação, também é particular, registrado no tempo, por estar ligado ao polo produtor da já mencionada literatura erudita, escrita, europeia. Se esse universal que na verdade é particular, como todo outro particular, é defendido por Candido como ponto de chegada natural para toda e qualquer civilização tida como “menor” é porque, ao longo de seus textos, vão se deixando rastros de diferenciação a sempre determinar como particulares, restritos, menores, baseados nos mais diversos argumentos, tudo aquilo fora do quadro pensado a partir da história de homens europeus, brancos, dentro da cisheteronormatividade.

Seja a alimentação pobre em carne e leite dos caipiras que se alimentam de insetos e larvas advindas da caça, em *Os parceiros do Rio Bonito*, os fazendo ser caracterizados como “regredidos” ao ponto da iniciação sexual do menino caipira poder se dar com animais, sem problematização necessária; ou os pobres em “O direito à literatura” que, por serem pobres, são também menores, arrefecidos espiritualmente por não estarem na melhor categoria de humanos possível, espelhada tanto no modelo universal de Candido, quanto na faceta performativa de si criada pelo próprio autor, aquele a ser tido como subalterno na teoria criada pelo autor uspiano só pode ser assimilado e reconhecido como verdadeiramente humano depois da submissão aos critérios universais-particulares da literatura erudita-europeia, como cooptação, a beirar o etnocídio.

Ao colocar esse quadro sempre positivo em torno da literatura “universal” criada por Candido em suspeição, lê-se, ao fim de um

dos capítulos, a tentativa de que, talvez, “[...] livres da teleologia do evolucionismo cultural, literatura e antropologia interessem, não por ‘confirmar a humanidade do homem’, mas, ao contrário, por nos levar a dela suspeitar” (MORAES, 2023, p. 64). Ter, de certa maneira, portanto, um olhar atento às contradições, aos movimentos de exclusão a partir do etapismo de Candido, faz com que, nesse legado, quando aplicado sem questionamento aos estudos de literatura africana produzida em língua portuguesa, na segunda parte do livro, “Brasil, África e o espírito do Ocidente”, outros tantos pontos sejam tensionados, trazidos à tona, a partir da revisitação de obras como *Literatura, história e política*, de Benjamin Abdala Júnior e *A formação do romance angolano*, de Rita Chaves.

Este, no entanto, é somente o primeiro ponto comparativo, no primeiro capítulo da segunda parte, a partir das outras aproximações realizadas por Moraes. Os outros três se dedicam majoritariamente à comparação entre Ruy Duarte de Carvalho e Antonio Candido, tendo como mediação primordial as leituras dos dois autores em torno de Guimarães Rosa e a representação da fala subalterna. Outro ponto explorado é a forma pela qual Carvalho, em sua produção, pode ser fonte de disparada para uma reinterpretação de conceitos como a mimese (representação) e a diegese (descrição), tendo como consequência uma outra maneira de se olhar para a entrada do Outro na literatura, em países pós-coloniais, além de uma reinterpretação da própria noção de como é (ou não) possível descrever sem dar voz a alguém aquém e além do domínio do narrador culto, o “senhor doutor”. Dada a possibilidade de, a partir da entrada da voz do sujeito subalternizado na narrativa, quebrarem-se as possibilidades de manutenção em via de mão-única da narratividade do mundo, assim como de quem pode ser o S/sujeito (SPIVAK, 2022) narrador de toda a história literária, *Contornos*, como também demonstra o prefaciador Alfredo Cesar Melo, sintetiza uma junção ainda pouco explorada dentro dos estudos em Teoria Literária, principalmente quando da citação do nome de Candido: o pós-colonialismo.

A possibilidade de colocar em questão e suspeição nossos próprios ditames teóricos, ou seja, reforçar a ideia de que a teoria é debatível e que o comparatismo abre portas outrora não pensadas para o novo e o ainda não imaginado (BHATTACHARYA, 2016; RADHAKRISHNAN, 2009), se apresenta até mesmo por colocar em debate aquele que, na primeira seção,

aparecia como ponto de baliza aparentemente incontornável nos textos de Moraes: Costa Lima. É destaque meu a seguinte passagem no raciocínio da autora: “[a]ssim, tal definição do humano como ser carente e plástico parece também incorrer em antropocentrismo (atribuição, pela negativa, de uma condição de superioridade do homem), que desemboca em etnocentrismo” (MORAES, 2023, p. 153). Se a visão negativa da constituição, tanto do homem, quanto da literatura, de modo a se entender ambos como incompletos, em Costa Lima, pode acabar recaindo em um panorama diametralmente oposto ao de Candido mas, ainda assim, sustentado pelos mesmos ditames, ou seja, a valorização de, em algum sentido, bom ou não, que o humano tem algo suficientemente intrigante a ponto de se destacar dos demais, mantém-se, dessa forma, o problema de colocar, em categorias estanques e dicotômicas, humanos, animais, primitivos e civilizados, como o autor uspiano fez durante sua carreira de crítico.

“A própria ideia do humano como excepcionalidade e transcendência – emancipação da natureza aprisionante, ultrapasse das determinações da realidade, transgressão permanente de limites – vê-se em questão” (MORAES, 2023, p. 155) encerra livro e resenha, ao mesmo tempo. Antes, talvez, uma última intromissão autoral, desta vez deste, mais uma vez, que assina o texto aqui presente. *Contornos*, ao mesmo tempo por ser um convite a uma leitura ainda cerrada de Candido e um exercício de leitura comparatista que não deixa sequer seus pressupostos saírem intactos, ou seja, as bases de contraste em Costa Lima, pode ser já um exercício, para falarmos aqui ainda em outras teorias e teóricos pós-coloniais, mesmo não presentes no estudo de Moraes, capazes de pontes feitas por este que assina, como em Spivak (2022). A autora em questão nos propõe a atitude de, enquanto escrevemos e pensamos, termos em mente os desafios a demonstrarem, possivelmente, nossos próprios pontos-cegos: o que pode ser *fora*cluído de nossos conceitos quando determinamos, de forma hermética, dicotômica, *uma* identidade, *uma* essência, *um* conceito? Ao investigarmos teorias, críticas, ao estarmos observando sempre o esquema do *outro*, como (re)criamos também, ao escrever, um outro Outro, “outro”, *outro*, como lembra Moraes, a partir de Carvalho? Em termos de discussões que, em crítica literária, tendem a unir formação nacional e formação literária (BHABHA, 2013), quem são os informantes nativos que, todavia, *inventamos*?

## Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BHATTACHARYA, Baidik. On Comparatism in the Colony: Archives, Methods, and the Project of *Weltliteratur*. *Critical Inquiry*, v. 42, n. 3, p. 677-711, 2016.

DERRIDA, Jacques. “Justices”. Tradução de Peggy Kamuf. *Critical Inquiry*, v. 31, n. 3, p. 689-721, 2005.

LIMA, Luiz Costa. *Estruturalismo e Teoria da Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Contornos humanos: primitivos, rústicos e civilizados em Antonio Candido*. Recife: Cepe Editora, 2023.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido*. São Paulo: EdUnesp, 2015.

PILATI, Alexandre; CORPAS, Daniele dos Santos; ARAÚJO, Homero Vizeu. Apresentação. *Cerrados*, Brasília, v. 26, n. 45, 2017.

RADHAKRISHNAN, Rajagopalan. Why compare? *New Literary History*, v. 40, n. 3, p. 453-471, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Crítica da razão pós-colonial: por uma história do presente fugidio*. Tradução de Lucas Carpinelli. São Paulo: Politeia, 2022.